



VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: HEGEMONIA E CONTRA-HEGEMONIA NA PRÁXIS JORNALÍSTICA CAPIXABA

Yara Lopes¹

Palavras-chave:

Violência contra mulher; enquadramento jornalístico; hegemonia e contra-hegemonia; práxis noticiosa;

RESUMO EXPANDIDO

Este projeto parte do questionamento central sobre como se desenvolve a abordagem jornalística na cobertura da violência contra mulheres no Espírito Santo, investigando a possibilidade de formatos alternativos capazes de romper com os enquadramentos hegemônicos. Tal necessidade torna-se ainda mais urgente em um contexto onde a plataformaização (Poell et al., 2020) intensifica práticas de espetacularização e fragmentação das narrativas. A pesquisa propõe discutir como uma nova abordagem poderia incorporar a categoria de totalidade social (Lukács, 2013), articulando casos individuais às estruturas de classe, raça (Davis, 2016) e território que os determinam, ao mesmo tempo em que opera uma práxis transformadora (Genro Filho, 2012; Bellan, 2023) que ultrapasse a mera denúncia para se constituir em instrumento de intervenção política.

¹ Mestre em Comunicação e Territorialidades, doutoranda em Comunicação e Territorialidades UFES.
yarak.lopes@gmail.com



Dados da Secretaria de Segurança Pública do Espírito Santo revelam uma curva ascendente nos casos de violência, passando de 19.274 registros de violência doméstica em 2022 para 23.575 em 2024, enquanto os feminicídios aumentaram de 35 para 38 no mesmo período. Esses índices posicionam o estado como o quinto no ranking nacional de violência contra mulheres, com proporções superiores à média brasileira nos casos de violência psicológica, física ou sexual por parceiros íntimos (PNAD Contínua, 2023).

A forma como essa realidade tem sido abordada pela mídia, os enquadramentos (Entman, 1993) predominantes e a possibilidade do jornalismo atuar como mecanismo de transformação social constituem o cerne desta investigação. Pesquisas desenvolvidas pela Universidade Federal do Espírito Santo entre 2019 e 2020 constataram que o jornal de maior circulação no estado, A Gazeta, ainda reproduz o status quo ao abordar o tema de forma superficial, com tendência à culpabilização da vítima e silenciamento de vozes feministas - padrão observado tanto na editoria policial quanto em projetos editoriais que se propõem a tratar as questões de gênero com maior responsabilidade.

Este projeto avança ao propor não apenas a análise crítica, mas uma metodologia mista que combine investigação acadêmica e intervenção prática no campo jornalístico. A pesquisa analisará comparativamente a cobertura da violência contra a mulher tanto na grande mídia quanto em veículos alternativos. Essa abordagem comparativa permitirá avaliar em que medida os veículos alternativos conseguem de fato produzir enquadramentos contra-hegemônicos, à luz dos princípios da ontologia social e do feminismo marxista.

O desafio se amplia quando consideramos as condições concretas da produção jornalística no estado, marcada pela precarização do trabalho (SINDJOR-ES, 2023) e por dinâmicas territoriais específicas (Saquet, 2021), que incluem desde a concentração midiática na Grande Vitória até a invisibilização sistemática do interior.



A investigação centra-se, portanto, nas condições materiais e teóricas para uma cobertura que, sem perder de vista as determinações do capitalismo de plataforma, consiga resgatar a violência de gênero como questão estrutural.

Como produto final, propõe-se a criação de um protocolo que auxilie os jornalistas na produção de conteúdos mais críticos e contextualizados. Mais do que um checklist técnico, o instrumento visa fomentar processos de reflexão que articulem os casos individuais ao todo social, evitando a reprodução de preconceitos e enquadramentos simplistas. A validação ocorrerá através de oficinas com profissionais do Espírito Santo.

Embora a teoria do enquadramento (ENTMAN, 1993) seja amplamente mobilizada para analisar a cobertura da violência contra mulheres, ainda é possível aprofundar mais nas investigações que a articulem organicamente com o materialismo histórico-dialético e as abordagens críticas do jornalismo (BELLAN, 2023). O projeto avança precisamente nesse diálogo, tensionando os limites do framing ao conectá-lo com a categoria de totalidade social (LUKÁCS, 2012) e com as contribuições do feminismo marxista (DAVIS, 2016).

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ENTMAN, R. "Framing: toward clarification of a fractured paradigm". *Journal of Communication*, vol. 43, n° 4, p. 51-58, 1993.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2012.



PÓS COM

Programa de Pós-Graduação
em Comunicação
e Territorialidades - UFES

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2013.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. **Plataformização**. Revista Fronteiras. Vol. 22 Nº 1 - janeiro/abril 2020.

SAQUET, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1.ed. São Paulo : Expressão Popular : UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. **Jornalismo crítico-emancipatório**: um estudo sobre resistência, hegemonia e comunicação. Revista Epiti, vol 25, n 2, 2023.

Minicurrículo:

Yara Lopes é jornalista formada pela UFRJ, mestre em Comunicação e Territorialidades e doutorando em Comunicação e Territorialidades pela UFES. Estuda as perspectivas de práxis noticiosa, jornalismo crítico e violência contra a mulher sob perspectiva do materialismo histórico dialético.